IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS "HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL"
Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

CURSO DE PEDAGOGIA DO CPTL: DIFICULDADES E DILEMAS NA CONSTRUÇÃO DO CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO.

Vera Luísa de Sousa
veraluisa@ibest.com.br
(UFMS)

Resumo

O texto pretende discutir as dificuldades metodológicas enfrentadas durante a realização de uma pesquisa institucional sobre a trajetória identitária do curso de Pedagogia do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (CPTL/UFMS). O principal objetivo, além de discutir as dificuldades metodológicas, é apresentar as reflexões que foram se impondo ao longo da investigação. Também são introdutoriamente mostrados alguns dados e inferências da pesquisa. O período estudado compreendia, inicialmente, as quatro décadas de existência do curso (1970-2010), porém as condições materiais para sua realização diminuíram-no para duas décadas. Os principais documentos encontrados referem-se à instituição e não propriamente ao curso. Além dos documentos e do acervo do Núcleo de Documentação Histórica do curso de História do CPTL, as vozes de alguns professores e servidores da instituição comporão as fontes da investigação, em fase de finalização. A perspectiva teórico-metodológica adotada é a dialética histórica que permite ao estudo mover-se da abstração às fontes, delas voltar ao pensamento e deste à materialidade das relações, explicitando obstáculos como inexperiência na condução de uma pesquisa histórica e ausência de uma cultura de preservação no país, e, também, apontando caminhos para uma leitura do objeto em movimento considerando, sobretudo, a multiplicidade de facetas envolvidas em sua construção. Os resultados provisórios indicam que o surgimento do curso se deu a partir da conjunção de fatores e condições políticas locais, regionais e nacionais e que a sua identidade tem sido construída a partir desta mesma variedade de fatores e condições.

Palavras-chave: Pesquisa histórica. Metodologia. Dialética.

O texto pretende discutir, ou talvez dividir seja o verbo mais apropriado, as agruras enfrentadas por aqueles que se embrenham na seara da pesquisa, neste caso, da pesquisa em educação. Não desejo[1] afastar o leitor com início tão lamurioso, mas convidá-lo a auxiliar na reflexão sobre o caminho metodológico da pesquisa.

No ano de 2009 apresentei, à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPP) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), um projeto de pesquisa que se propunha a conhecer a identidade, produzida historicamente, do curso de Pedagogia do Câmpus de Três Lagoas (CPTL) da UFMS. Naquele momento havia muita expectativa da minha parte em relação ao levantamento das fontes documentais e orais que me ajudariam a compor o retrato do curso. Pois bem, iniciadas as 'buscas', vários obstáculos surgiram, mas nenhum foi tão paralisante quanto a

[1] Uso a primeira pessoa do singular nas referências diretas à mim. Em outros momentos, como pretendo dialogar com o leitor, uso a primeira do plural, e, em outros ainda o texto é impessoalizado para tratar de questões que fogem ao entorno do "eu" e do "nós".

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

ausência de condições materiais para empreendê-las. Recursos financeiros à frente com todo o seu corolário: viagens para ter acesso a documentos que não puderam ser realizadas, aparelhos eletrônicos que não puderam ser comprados, bolsistas que não puderam ser pagos e a docência, a extensão e todas as atividades aí envolvidas que não puderam ser abandonadas. Somadas a estas questões operacionais, colocam-se as questões metodológicas: ponto de partida para a presente reflexão.

O desejo ...

Olhar para o mundo e encher-se de interrogações: eis o princípio de todo trabalho de pesquisa. Mas como saber qual é a interrogação que dentre todas as outras se destaca? Simples! É aquela que te interrompe o sono à noite, que se espreme entre suas atividades cotidianas, desviando delas sua atenção, que te incomoda, mas de um jeito gostoso, desafiador, que faz teus olhos brilharem. Pronto, esta é a interrogação(?)! Mas, o que fazer com ela, como transformá-la naquilo que se denomina pomposamente "problema de pesquisa"? A solução aponta para uma única direção: "tempo, amadurecimento, leituras, escrita e reescrita" (GALVÃO; LOPES, 2010, p. 84). Ao discutir a questão Triviños (2008, p. 93) afirma:

> Podemos dizer, de modo geral, que existem duas maneiras para delimitar, definir e formular um problema de pesquisa, e ambas nos parecem válidas. Naturalmente, quando expressamos isto, estamos partindo de alguns pressupostos: um destes é o de considerar que o pesquisador está envolvido, direta e indiretamente, na realidade na qual um matiz dela, abrangente ou não, apresenta uma situação que precisa ser esclarecida. Isto significa que o investigador, ainda que não necessariamente, deve pertencer à área onde está surgindo, ou surgiu, a questão problemática.

Vencida esta etapa, a construção do objeto se encaminha de modo mais suave e, aos poucos, o desenho do projeto vai ganhando forma e definitivamente fisga o pesquisador para sua rede e o que era antes seu 'incômodo', passa a ser seu prazer. Assim foi construída a proposta da pesquisa anunciada na introdução. Houve esforço, porém o 'chamado' da investigação histórica para buscar a 'verdade', sempre provisória, que repousa sob a realidade, fez crescer o desejo de conhecer o percurso identitário do Curso de Pedagogia do CPTL/UFMS. Afinal este é um projeto

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

que se vincula a uma história de vida. Primeiro, por ter sido o provedor de minha formação. Segundo, por ser professora do seu quadro. Terceiro, por entender que a identidade da instituição imprime uma marca nos profissionais por ela formados. Estas foram as condições dadas para o nascimento da proposta.

A realização ...

Muitos são os autores que discutem a construção do caminho metodológico no processo de investigação e, em comum, está o fato de alertarem que a tarefa é árdua e solitária. O pesquisador terá a companhia do seu objeto, dos seus sujeitos e fontes e de teóricos, mas o traçado da metodologia será de sua responsabilidade.

Não é nada incomum que os textos, nos espaços destinados à apresentação da metodologia, iniciem pelo significado etimológico da palavra. É uma estratégia interessante, na medida em que lembra o leitor que a metodologia é processo, posto que caminho tem esta conotação de construção, sequência e também porque refuta, de início, a associação simplificadora entre metodologia e técnicas de investigação.

Neste ponto, o da necessária distinção entre metodologia como técnica e como processo e reflexão, reside o nó da metodologia. Definir teoricamente e abstrair o conceito parece sempre mais fácil à comunidade acadêmica do que demonstrar efetivamente o processo de construção do caminho metodológico. Que o digam os/as acadêmicos/as na fase de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Este processo é complexo exatamente por envolver dimensões aparentemente díspares: uma conceitual, que implica em uma relativa objetividade, e outra subjetiva, que depende quase exclusivamente do pesquisador. Uma alternativa possível ao impasse seria iniciar pela retomada do contexto no qual se insere o objeto de estudo e, portanto, a problemática que se deseja desvendar. O que requer o escrutínio da empiria no sentido de apreendê-la tanto em suas particularidades, quanto em sua globalidade. Ou seja, voltar-se para a realidade com o olhar do lince, que fotografa a presa (o objeto) e todos os seus movimentos, expressões e cheiros (manifestações), ao mesmo tempo em que a percebe como componente de determinado espaço

físico (realidade imediata) em interação com seus outros integrantes e agentes (estabelecimento de relações).

É óbvio que este tipo de habilidade exige um exercício constante para ser alcançado e aperfeiçoado e diante deste desafio o pesquisador principiante, quase sempre, é abatido pelo desânimo. Neste momento a melhor atitude é o recolhimento e a reflexão, no sentido de pensar sobre o já pensado. Ao agir deste modo o pesquisador permite-se o estranhamento, ação necessária e imprescindível para compreender toda e qualquer realidade. Ao distanciar-se, tanto quanto possível, do novelo que envolve seu objeto, suas formas lhe parecerão mais definidas e objetivas, porque estarão livres de conceitos e percepções previamente instituídos. Aí então a(s) teoria(s) pode(m) efetivamente ajudá-lo a interpretar e explicar o objeto e suas manifestações.

Até aqui estamos indo bem. Fizemos a lição: nos debruçamos sobre textos (brigamos às vezes, com algum autor), imergimos na empiria e nos esforçamos para construir uma rotina de disciplina. O caminho metodológico está se delineando e podemos observar que resulta muito mais do esforço intelectual e imaginativo do que de ações práticas. Talvez aí esteja alojada a raiz do angustiante trabalho de construção da metodologia no processo de pesquisa. Mais uma vez a confusão entre técnica e espaço de reflexão se apresenta. Todos parecem estar prontos para ir a campo colher as informações, anotar as observações, formular roteiros, aplicar questionários e realizar entrevistas, mas nada disto terá validade se não estiver vinculado a um meticuloso exercício do pensamento.

As técnicas e os procedimentos utilizados para coletar os dados só assumirão sentido e significado se a imersão na realidade mostrar ao pesquisador o *porquê, o como e o para quê* serão empregados. A partir deste ponto não há mais possibilidade de ignorar a conexão estreita entre empiria, teoria e reflexão. É a dialética demarcando seu território como se dissesse: fique atento, pois não há movimento, ação ou pensamento que se esgote em si mesmo ou que se apresente com uma única faceta. Triviños (*op cit.*) aponta que os clássicos do marxismo definem dialética sempre pelas formas universais do movimento e suas conexões, assim:

> Engels [...] define a dialética como a 'ciência da interconexão universal'. Lênin destaca também este traço e outros da dialética ao expressar que ela se apresenta na compreensão do desenvolvimento como a ciência que vê na realidade do mundo dos fenômenos 'a interdependência e a mais íntima e

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

> indissolúvel conexão entre todos os aspectos de cada fenômeno (a história desvendando sempre novos aspectos), uma interconexão da qual resulta um processo de movimento único e universal, com leis imanentes...'. Estes conceitos de conexão, interdependência e interação são essenciais no processo dialético de compreensão do mundo. (Ibid., p.53)

A adoção desta perspectiva teórico-metodológica faz com que a investigação sobre a produção histórica da identidade do Curso de Pedagogia do CPTL/UFMS fosse da abstração às fontes, daí retornasse ao pensamento e deste à materialidade das suas relações. Porém, este foi um percurso doloroso tendo em vista que minha inexperiência com a investigação histórica ficou patente em vários aspectos, dentre eles um em especial: a amplitude da periodização definida para o estudo. A proposta de uma pesquisa que abrangesse as quatro décadas de existência do curso revelou-se ousada e imprudente, sobretudo considerando as duras condições para sua realização destacadas nas primeiras linhas deste texto.

A ausência de uma cultura de preservação da memória também deve ser destacada como item dificultador. Poucos foram os registros encontrados sobre a história buscada. Fato que certamente merece compor a análise. Para Marc Bloch (2002, *apud* CASTRO, 2008, p. 07):

> A despeito do que às vezes parecem imaginar os iniciantes, os documentos não surgem, aqui ou ali, por efeito de não se sabe qual misterioso decreto dos deuses. Sua presença ou ausência em tais arquivos, em biblioteca, em tal solo deriva de causas humanas que não escapam de modo algum à análise, e os problemas que sua transmissão coloca, longe de terem apenas o alcance de exercícios de técnicos, tocam, eles mesmos, no mais íntimo da vida do passado, pois o que se encontra assim posto em jogo é nada menos do que a passagem da lembrança através das gerações.

Bloch está coberto de razão. A "presença ou ausência" do documento é indicativa de como as relações sociais de produção se dão em determinada época, grupo ou instituição e, mais, ao ser encontrado claro está que o documento passou pelo 'crivo' de alguém, que o selecionou e disponibilizou. O que significa já ter havido um processo de filtragem da informação. No caso da pesquisa sobre o Curso de Pedagogia do CPTL/UFMS o arquivo que registra sua história só passou a ser construído na década de 2000. Algumas informações referentes ao período anterior podem ser encontradas em documentos que registram a história do Centro Pedagógico de Três Lagoas, do qual faz parte.

O fato de não ter havido - por parte de professores, funcionários e administradores-, preocupação com a organização dos registros das Atas, Resoluções, Instruções de Serviço, Circulares Internas, Ofícios, Estruturas Curriculares e outros não significa um desinteresse ou coisa do tipo, mas denota a já mencionada inexistência de uma cultura de preservação da memória em nosso país.

Contudo, é preciso retomar o ponto de onde partimos: dividir as dores metodológicas do processo de pesquisa. E talvez fosse prudente retomarmos, também as reflexões já realizadas.

Iniciamos abordando a necessária interrogação da realidade que deverá ser amadurecida pelo tempo e pelas leituras, o que possibilitará ao pesquisador formular o problema de pesquisa e delinear o objeto de estudo que será tanto mais significativo, quanto mais próximo estiver do seu mirante. Na seqüência indicamos o estranhamento como caminho para a compreensão do fenômeno e de suas manifestações, que será aumentada com a ajuda da estreita conexão entre empiria, teoria e reflexão, proporcionada pela atitude dialética diante da realidade, o que implica em considerar as etapas interconectadas. Creio que até aí o caminho metodológico siga tranqüilo. Queremos, mais uma vez, convidá-lo leitor, porém agora para conhecer um pouco da história emanada da investigação.

Curso de Pedagogia do CPTL/UFMS: constatações!!!???

> A cidade de Três Lagoas está situada na região sudeste, zona fisiográfica de Rio Pardo, com uma área de 27.117 Km², correspondente a 2,26% da superfície total do Estado de Mato Grosso. Altitude 313 m.. Temperatura quente. Clima Tropical úmido. Solo arenoso silício. Limita-se com os Municípios de Alfredo de Castilho-SP; Pereira Barreto-SP; Brasilândia-MT; Aparecida do Taboado-MT; Água Clara-MT; Bocaina-MT. Possui 182.038,93 m² de asfalto; 76.000 m de rede de água; conta com 850 aparelhos telefônicos automáticos. Servem à cidade 2 hospitais, um com 180 leitos. Conta com 2 (duas) emissoras de rádio, 2 (dois) jornais de circulação semanal, 1 (uma) rodoviária, 9 (nove) estabelecimentos bancários, 2 (dois) cinemas, 1 (uma) biblioteca pública, 5 (cinco) entidades de serviços, 2 (dois) postos médicos, 8 (oito) clubes esportivos, 2 (duas) associações de classe. É sede de uma Companhia do Exército, bem como de uma delegacia regional de Polícia Federal.

Nos idos de 1970, jazia num rincão distante Brasil adentro o promissor município de Três Lagoas acima descrito por Pe. Jair Gonçalves, diretor do Centro Pedagógico de Três Lagoas, no parágrafo de abertura do Relatório para a autorização do funcionamento dos Cursos de Licenciatura Plena em Pedagogia, Geografia, História, Matemática e Letras, encaminhado pelo Reitor da Universidade Estadual de Mato Grosso, João Pereira da Rosa, ao Presidente do Conselho Estadual de Educação, Raimundo Pombo, em 16 de maio de 1973.

Por esta época a cidade estava em polvorosa, pois em 1969 havia sido inaugurada, após anos de construção, a Usina Hidrelétrica Engenheiro Souza Dias, mais conhecida como Usina de Jupiá e integrante do maior Complexo Hidrelétrico do país: o Complexo de Urubupungá, que conta ainda com as Usinas de Ilha Solteira e Três Irmãos.

Dois importantes impactos foram o enquadramento do município (1969-1985) como área de segurança nacional e o aumento da população seja pelo fato de alguns operários da construção da barragem terem fixado residência, seja pela chegada dos barrageiros e suas famílias. Dentre os cinquenta e cinco estabelecimentos de ensino existentes, apenas cinco ofertavam o ginasial de 1º ciclo e cinco o ginasial de 2º ciclo, as demais quarenta e cinco escolas eram de ensino primário.

Neste cenário de crescimento urbano as carências ficaram mais explícitas e, por iniciativa do Pe. Jair Gonçalves em convergência com os interesses da política expansionista do ensino superior do Regime militar, Três Lagoas foi contemplada com o Centro Pedagógico, que dentre cinco Licenciaturas abrigou o Curso de Pedagogia.

De acordo com uma fonte oral o Curso não tinha um corpo docente quando foi criado em 1970, pois em conjunto com os Cursos de Geografia, História, Letras e Matemática, era atendido por um grupo de apenas cinco professores que entrava uma vez por semana em cada curso, num sistema de rodízio. Mas a investigação revelou, por meio de um documento da Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Mato Grosso, que já em 1972 havia doze professores lotados no Curso de Pedagogia, seis no de Geografia, quatro no Curso de História, seis em Letras e nove na Matemática, totalizando trinta e sete professores no Centro Pedagógico de Três Lagoas.

Com relação às habilitações, entre 1970 e 1975, foram ofertadas duas: Magistério das Matérias Pedagógicas de 2º Grau e Orientação Educacional que, a partir de 1978, foi substituída por Supervisão Escolar e oferecida até 1991. Já a Habilitação para o Magistério da Pré-Escola e

Séries Iniciais do Primeiro Grau, por falta de recursos humanos, só foi implantada no curso de Três Lagoas no ano de1992, embora já funcionasse em outras unidades da Universidade. Entre 1996 e 2003, em decorrência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n. 9.394, o Curso assumiu a denominação de "Pedagogia - Magistério da Educação infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental".

A partir do ano letivo de 2004, o CPTL passou a contar com dois Cursos de Pedagogia um formando para a docência na Educação Infantil, no período vespertino, e, outro, formando para o magistério das Séries Iniciais do Ensino Fundamental, no noturno. Em 2009 esses cursos foram encerrados e, desde então, funciona o Curso de Licenciatura em Pedagogia que, por conta de uma mudança na estrutura organizacional da instituição, é ofertado em regime semestral.

O ano de 1985 trouxe importantes marcos para a identidade do curso: a criação do Colegiado, a instituição da figura do Coordenador, e, o início das atividades da Comissão de Estágio Supervisionado (COES) que, juntamente com o colegiado, se encarrega das questões relativas ao estágio obrigatório.

Estas informações contam de forma muito abreviada a história do Curso, sobretudo de sua organização estrutural, contudo deixam entrever pistas sobre a construção de sua identidade. Elas nos dizem, por exemplo, que as origens do Curso estão assentadas na política desenvolvimentista do Regime militar, que colocava o Ministério do Planejamento à frente das discussões e decisões sobre a reforma educacional, que eram tomadas a partir do pressuposto de que a educação deve ser concebida como um investimento para aumentar a produtividade e a renda (SAVIANI, 2008). Assim, ao ensino superior coube a tarefa de preparar tanto a mão de obra especializada para atender às demandas do mercado, quanto os quadros dirigentes configurando o que Saviani (2008) denomina "concepção produtivista da educação" que, para o autor:

> [...] adquiriu força impositiva ao ser incorporada à legislação do ensino no período militar, na forma dos princípios da racionalidade, eficiência e produtividade, com os corolários do 'máximo resultado com o mínimo dispêndio' e 'não duplicação de meios para fins idênticos'. (ibid, p.7).

Podemos afirmar que o curso nasceu num contexto em que a 'vocação' para formar o especialista em educação fazia todo sentido, já que o país estava fortemente empenhado em estabelecer e cumprir os acordos entre o Ministério da Educação e o United States Agency for

International Development ou MEC/USAID, cujos fundamentos apoiavam-se na concepção de educação como fator de desenvolvimento econômico. Somente sete anos depois de findado o Regime ditatorial e retomada a democracia, as habilitações para formar o especialista foram extintas e teve início o processo de aproximação do curso ao perfil de formador de professores para a infância, que atualmente é uma identidade assumida por seu corpo docente em consonância com o posicionamento adotado pelo movimento nacional, que desde 1983, discute o papel das licenciaturas e as opções de trabalho para o pedagogo.

Outra consideração que podemos tecer respeita ao ano de 1985. Marco da redemocratização do país introduz no Curso de Pedagogia importante instância deliberativa, o Colegiado que, apesar de composto por cinco membros eleitos, tradicionalmente se reúne com a presença de todo o corpo docente com direito a voz e voto, conferindo um caráter mais democrático à tomada de decisões sobre o curso.

Também é possível apontar mais um traço da identidade do Curso, a partir do encerramento das turmas do turno vespertino: atender ao aluno trabalhador, que só pode frequentar as aulas à noite. Já com relação ao número de professores que compõem seu quadro, vimos que o Centro Pedagógico inicia as atividades, em 1970, com cinco professores para atender a igual número de cursos, dois anos depois passa a contar com 37 professores, sendo 12 pertencentes ao Curso de Pedagogia. Atualmente somos onze professores, pois neste ano de 2012 duas colegas se aposentaram. Este dado espelha o resultado das políticas de sucateamento das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). A cada dia, mais funções são atribuídas ao professor que não dizem respeito à natureza do seu trabalho, além de ter se tornado um 'caçador' de editais em busca de aprovação de projetos financiados que permitam a compra de equipamentos para as atividades docentes, de pesquisa e extensão.

Estes apontamentos apenas sinalizam na direção da identidade do curso e, portanto, não contemplam todo o processo, mas tendo como aliadas a perspectiva dialética e as fontes orais, que serão ouvidas ainda neste semestre, dados novos e importantes comporão a análise que deverá revelar, provisoriamente, a identidade buscada.

A 'interrupção' para apresentar, rapidamente, aspectos da investigação teve a intenção de propiciar a aproximação e, concomitantemente, o distanciamento do objeto e das informações

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

sobre ele para prover à pesquisadora uma dose extra de oxigênio metodológico. Ao iniciar o texto te convidando para pensar junto, supus que esta conversa que estamos estabelecendo seria uma forma de me ajudar a imergir na realidade do objeto, para, em seguida, dela submergir com mais isenção investigativa. A suposição foi confirmada! Além dos passos (acima descritos) dados na direção dos conteúdos registrados pelos poucos documentos aos quais tive acesso e das falas das pessoas que erigiram as fundações do Curso de Pedagogia do CPTL, esta conversa certamente está sendo iluminadora e será mais um acorde da composição metodológica do estudo.

Finalizando esta jornada ...

Anunciei as expectativas que tinha ao iniciar a investigação, indiquei os obstáculos, sempre presentes, e esbocei as etapas da composição da metodologia. A sequência desta exposição ajudou-me a compreender melhor o caminho traçado em direção ao objeto do estudo que venho desenvolvendo e, surpreendentemente, me lembrou de considerar aspectos que estavam sendo deixados de lado na análise. O principal deles é o fato de que, nas palavras de Henrique Cláudio de Lima Vaz (*apud* SEVERINO, 2001, p. 83) "Toda ação humana é aberta, por definição, a uma dimensão axiológica. Em se tratando de um ato humano, sua natureza implica necessariamente a intenção de um fim e a posição de um valor". Sem intenção de ferir o rigor, vital à produção do conhecimento, esta escrita lembrou-me de que parte importante de mim está presente no estranhamento, na observação e na análise. Recobrada esta memória o texto chamou-me às falas, não me deixando esquecer de que ao assumir uma postura dialética - assumir a postura e não discursar sobre ela -, devo apreender o específico e o universal do meu objeto e do meu olhar sobre ele, num movimento contínuo sem fragmentações.

Encerro agradecendo ao leitor que me acompanhou até aqui. Sinto-me mais fortalecida e com a imaginação fertilizada para assentar os tijolos da etapa final do caminho metodológico da minha pesquisa.

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Referências

CASTRO, C. *Pesquisando em arquivos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2008.

GALVÃO, A. M. de O.; LOPES, E. M. T. *Território plural:* a pesquisa em história da educação. São Paulo, SP: Ática, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S.. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*: a pesquisa qualitativa em educação, o positivismo, a fenomenologia, o marxismo. 17. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SAVIANNI, D. O legado educacional do regime militar. In: *Cadernos Cedes*, vol.28, n.76, p. 291-312, set/dez. 2008.p.291-312. Disponível em http://www.cedes.unicamp.br. Acesso em 1/03/2012.

SEVERINO, A. J. *Educação, sujeito e história.* São Paulo, SP: Olho D'Água, 2001.